

DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM DA LEITURA E ESCRITA EM ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

LEARNING DIFFICULTIES IN READING AND WRITING IN ELEMENTARY SCHOOL PUPILS



JANAÍNA APARECIDA DE SOUZA KAWAMURA

Graduação em Letras e Pedagogia pela Universidade Nove de Julho (2015); Especialista em Psicopedagogia clínica e educacional pela Universidade Nove de Julho (2014); Professora de Educação Infantil e Fundamental I - na EMEI Eduardo Carlos Pereira.

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo pesquisar sobre as dificuldades de aprendizagem no contexto escolar. Para a metodologia de trabalho utilizou-se a abordagem qualitativa enfocando a pesquisa bibliográfica. Buscou-se conhecer e refletir sobre as dificuldades na aquisição da leitura e escrita em alunos do ensino fundamental e para isso apresenta-se algumas definições das Dificuldades de Aprendizagem e seus causadores, relacionando-os ao fracasso escolar. Também se considerou a importância da família na identificação e superação dessas dificuldades. Como resultados obtidos, destacam-se a importância de uma avaliação diagnóstica global, no início da escolaridade, para uma adequada intervenção e aprendizagem significativa, para que a criança possa ser protagonista em seu processo de construção do conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: Dificuldade de Aprendizagem; Leitura; Escrita; Família.

ABSTRACT

The aim of this study was to research learning difficulties in the school context. The methodology used was qualitative, focusing on bibliographical research. The aim was to learn about and reflect on the

difficulties faced by elementary school pupils in acquiring reading and writing skills. To this end, some definitions of learning difficulties and their causes were presented, relating them to school failure. The importance of the family in identifying and overcoming these difficulties was also considered. The results obtained highlight the importance of a global diagnostic assessment at the beginning of schooling for appropriate intervention and meaningful learning, so that the child can be a protagonist in their process of building knowledge.

KEYWORDS: Learning Difficulty; Reading; Writing; Family.

INTRODUÇÃO

Embora a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 1996), indique como um dos objetivos da educação o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita, não é isso que constatamos no trabalho cotidiano escolar, pois o que percebemos é uma grande defasagem nas habilidades leitoras e escritoras dos alunos.

Rebello (1993, p. 39) acrescenta que “aprender a ler tornou-se uma necessidade básica da sociedade e é fundamental para nela se poder viver, ser aceito e participar nos recursos que ela disponibiliza”.

Ler e escrever, hoje, são competências fundamentais a qualquer disciplina ou profissão. Ler, entre outras coisas, é interpretar (atribuir sentido ou significado), e escrever, igualmente, é assumir uma autoria individual ou coletiva - tornar-se responsável por uma ação e suas consequências (Base Nacional Comum Curricular - BNCC).

Portanto, constatamos que saber ler e escrever, na sociedade atual industrializada em que avanços tecnológicos fazem com que não haja limites para a busca pelo conhecimento, são condições indispensáveis para o sucesso individual, escolar e profissional.

Apesar dos esforços empreendidos pelas instituições escolares e dos envolvidos no processo educacional, ainda persistem as dificuldades no desenvolvimento dessas competências e na maioria das vezes, não há a preocupação e a falta de preparo dos professores, em esclarecer o tipo de dificuldade apresentada pelo aluno, o que facilitaria a intervenção necessária para sua superação.

Segundo pesquisas realizadas por Zorzi, (2000), um número muito elevado de crianças brasileiras, estima-se que cerca de 40%, tem sido apontado como apresentando baixo desempenho no processo de aprendizagem, em particular da língua escrita e leitura, 8% apresentam reais dificuldades de aprendizagem, em graus variados.

Diante disso, este trabalho tem como objetivo conhecer quais as dificuldades de aprendizagem encontradas no contexto escolar e a participação da família na identificação e superação dessas dificuldades.

A metodologia deste trabalho é de cunho bibliográfico em sua essência fundamentada na filosofia dos autores envolvidos no objetivo da pesquisa e nela citados.

DIFICULDADES DA APRENDIZAGEM

Segundo Correia (2008), o conceito de Dificuldades de Aprendizagem (DA) surgiu da necessidade de se compreender a razão pela qual um conjunto de alunos, aparentemente normais, estava constantemente experimentando insucesso escolar, especialmente na leitura, escrita ou no cálculo e cita a definição de Kirk para DA:

Um atraso, desordem ou atraso no desenvolvimento num ou mais dos processos da linguagem falada, da leitura, da ortografia, da caligrafia ou da aritmética, resultantes de uma possível disfunção cerebral e/ou de distúrbios do comportamento e não dependentes de uma deficiência mental, de uma privação sensorial, de uma privação cultural ou de um conjunto de fatores pedagógicos (KIRK, 1962 apud CORREIA, 2008, p.38)

Conforme a definição acima, podemos afirmar que a DA dificilmente está ligada a um único fator, e sim a vários fatores.

QUAIS SÃO AS CAUSAS DAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM?

A seguir serão discutidas as causas mais comuns da DA no âmbito educacional, apontadas por Campos (1996):

ESCOLA

A instituição escolar que deveria ser inclusiva tem uma prática excludente, elitizante, com classes superlotadas, com currículo, programas, sistemas de avaliação, método de ensino e relação professor/aluno, inadequados à promoção da aprendizagem do aluno, especialmente aos que tem menos facilidade de aprender.

FATORES INTELECTUAIS OU COGNITIVOS

As causas intelectuais ou cognitivas estão relacionadas com a inteligência do indivíduo, proveniente de problemas em seu organismo, da dificuldade de assimilar e aprender os conceitos que lhe são transmitidos e vivenciados pela escola. Uma criança com inteligência abaixo da média possui um ritmo mais lento, de acordo com sua limitação, na aquisição de conhecimentos.

As crianças com DA apresentam problemas cognitivos que se refletem na aprendizagem da leitura e da escrita, já que as aprendizagens simbólicas como a leitura, a escrita e o cálculo envolvem processos cognitivos muito complexos.

Outro aspecto importante a citar, é a memória, por meio dela, organizamos e reutilizamos o que aprendemos. Para fundamentar esta observação, Fonseca afirma que:

A memória constitui o processo de reconhecimento e de chamada (reutilização) do que foi aprendido e retido, é como sabemos, uma função neuropsicológica imprescindível à apren-

dizagem. Assim, a criança com DA evidencia também dificuldades ao nível da memória. Memória e aprendizagem são indissociáveis, razão pela qual as crianças com DA acusam frequentemente problemas de memorização, conservação, consolidação, retenção, rememoração da informação anteriormente recebida. Na realidade, a memória envolve vários processos de reconhecimento e de reconstrução dos dados conservados e integrados (FONSECA, 2004, p. 379).

DÉFICITS FÍSICOS E/ OU SENSORIAIS

As causas sensoriais referem-se ao déficit da audição e da visão, o da discriminação auditiva e visual pobres. Qualquer um dos casos pode causar deformação na captação das informações, conseqüentemente, na compreensão dos conteúdos ensinados e na aprendizagem e muitas vezes é necessário o uso de metodologia e materiais didáticos diferenciados. Outros déficits são em nível do sistema nervoso central, com alterações neurológicas.

Segundo Fonseca:

A criança com DA muitas vezes revela problemas perceptivos, o que se reflete na identificação, discriminação e interpretação de estímulos. Os primeiros processos de tratamento da informação sensorial parecem apresentar ambiguidade, sincretismos, confusões, hesitações, distorções, falhas de processamento neurossensorial (FONSECA, 2004, p. 364).

A criança com DA é normal em termos intelectuais, mas apresenta um déficit ao nível do seu sistema nervoso, pois ele não recebe, não organiza, não armazena e não transmite informação visual, auditiva e táctil da mesma forma que uma criança normal. Manifesta discrepância entre a capacidade para compreender acontecimentos, ideias e experiências e capacidade para aprender a ler, soletrar, escrever ou calcular (FONSECA, 2004, p. 366).

Desta forma, podemos constatar que a criança com DA percebe a informação de forma equivocada, comprometendo seu aprendizado como um todo.

Algumas destas crianças apresentam problemas de controle dos seus impulsos, tornando-se mesmo agressivas, instáveis emocionalmente, insatisfeitas e revoltadas.

Fundamentando esta ideia, Fonseca destaca que para estas crianças com problemas perceptivos:

Torna-se difícil a sua inserção numa classe regular, pelo fato das suas perturbações perceptivas visuais dificultarem a compreensão de muitos dos conteúdos de aprendizagem, havendo comprometimento no apuramento de significações, nas explicações e instruções dos professores. Estas perturbações perceptivas vão-se arrastando ao longo do tempo e a criança com DA toma consciência dos seus problemas, chegando mesmo ao desânimo, desencorajamento e à automarginalização (FONSECA, 2004, p. 367).

DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM

Por meio da linguagem que o indivíduo se comunica, expressa seus pensamentos e emoções, transmite e recebe informações e valores e, portanto, espera-se que seja capaz de se comunicar com os outros verbalmente de forma clara e sem problemas de articulação. A defasagem na linguagem pode acarretar dificuldades no desenvolvimento da leitura e da escrita.

Segundo Fonseca:

As diversas investigações que se têm realizado neste campo têm demonstrado que existe uma relação estreita entre os processos psicolinguísticos (receptivos, integrativos e expressivos) e as desordens da linguagem falada e da linguagem escrita. Nesse sentido, as dificuldades mais significativas evidenciadas nestas crianças relacionam-se com a compreensão do significado das palavras, de frases, de histórias, de conversas de diálogos; problemas em seguir e executar instruções simples e complexas; problemas de memória auditiva e de sequência temporal quer não simbólica, quer simbólica; vocabulário restrito; frases incompletas e mal estruturadas; dificuldades de retomada de informação; problemas de organização lógica e de experiências e ocorrências; dificuldades na formação e na ordenação ideacional; problemas de articulação e de repetição de frases (FONSECA, 2004, pp. 396- 397)

FATORES AFETIVOS E EMOCIONAIS

Conforme Fonseca:

As crianças emocionalmente e socialmente desajustadas tendem a obter fracos resultados escolares, na medida em que os distúrbios emocionais desintegram o comportamento e, conseqüentemente, o potencial de aprendizagem. Dos distúrbios psicoemocionais, muitas vezes ampliados pelo insucesso na escola, resvala-se para o desajustamento social (delinquência, criminalidade etc.) (FONSECA, 2004, p. 378).

Sendo assim, podemos afirmar que os fatores afetivos e emocionais refletem diretamente na aprendizagem da criança, pois uma criança emocionalmente desequilibrada tende ao fracasso escolar, levando-a ao desinteresse pelo aprendizado.

FATORES AMBIENTAIS (NUTRIÇÃO E SAÚDE)

Os fatores ambientais têm origem no meio econômico que afetam não só o desenvolvimento, como também a capacidade de aprender, assim como o pior, ou melhor, estado de saúde.

Não há dúvidas de que a desnutrição, na época da formação dos neurônios, pode acarretar prejuízos enormes ao organismo das crianças e na idade escolar, afetar as habilidades de aprendizagem.

A saúde é outro fator que pode interferir na assimilação de conhecimentos do aluno, tais como problemas respiratórios, alergias, traumas e o funcionamento glandular que mantém relação com o desenvolvimento geral da criança.

DIFERENÇAS CULTURAIS E/OU SOCIAIS

Muitas crianças, oriundas de famílias com pouca ou nenhuma escolaridade, menos favorecidas economicamente e culturalmente, encontram dificuldades na aprendizagem, pois lhes faltaram o estímulo e motivação necessários no seu meio familiar. Não tiveram, antes da escolarização, acesso a lápis, livros e nenhum contato com objetos da cultura.

A escola, por seu lado, espera que o aluno traga uma certa bagagem no momento da aprendizagem, desconsiderando essas diferenças culturais e sociais e mantendo um currículo elitista, acaba desmotivando e excluindo o aluno que mais necessitaria da inclusão escolar e garantia de

aprendizagem uma vez que já se acha defasado em seu desenvolvimento.

EXPERIÊNCIAS NÃO VERBAIS

A psicomotricidade estuda os elementos relacionados às experiências não-verbais, dentre eles a coordenação global e óculo-manual, esquema corporal, lateralidade, organização espaço-temporal, discriminação visual e auditiva, importantes como base para as aprendizagens escolares, uma vez que a criança integra primeiramente as aprendizagens não-verbais.

Segundo Fonseca:

A grande maioria das crianças com DA apresenta um perfil psicomotor dispráxico. Os seus movimentos são exagerados, rígidos e descontrolados (não seguem uma sequência espaço-temporal organizada). Apresentam paratonias (dificuldades de relaxação voluntária), disdiadocinesias (dificuldade em realizar, subsequentemente, movimentos alternados e opostos - bater com a mão esquerda e mexer com a direita), e sincinesias (movimentos imitativos, parasitas e desnecessários da boca da língua e da face ou dos membros contralaterais). Problemas na praxia quer globais, quer finas, pois estas surgem com lentidão ou com impulsividade (FONSECA, 2004, pp. 403-405).

AS DIFICULDADES ESPECÍFICAS DA LEITURA E ESCRITA

As dificuldades de leitura e escrita constituem um dos principais obstáculos que aparecem ao longo da escolarização. É nos primeiros anos escolares que se dedica grande parte do tempo de ensino da leitura e da escrita, de forma a serem desenvolvidas as competências necessárias para poder utilizá-las em aprendizagens posteriores. Rebelo (1993, p. 69) acrescenta que “tais competências são consideradas básicas e imprescindíveis para conhecimentos futuros”. Também refere que elas são indispensáveis para muitas aprendizagens escolares e extraescolares e que ter problemas na sua aquisição significará, em grande parte, encontrar dificuldades noutras áreas de aprendizagem.

De acordo com Rebelo (1993), a dificuldade de aprendizagem na leitura e escrita pode ser classificada em Dislexia, e se subdivide, na escrita, em Disortografia – dificuldades no nível da ortografia e da expressão escrita, e na Disgrafia – dificuldades no nível da caligrafia.

Correia propõe o seguinte entendimento relativo à dislexia:

Dislexia é uma dificuldade de aprendizagem específica, que tem uma origem neurobiológica. É caracterizada por dificuldades no correto e/ou fluente reconhecimento de palavras e por pobres capacidades de soletração e de decodificação. Geralmente, estas dificuldades refletem déficits na componente fonológica da linguagem, que são geralmente inesperadas tendo em conta não só as capacidades cognitivas do aluno como também as práticas eficazes que lhe têm sido proporcionadas na sala de aula. Consequências secundárias podem incluir problemas na compreensão da leitura e reduzidas experiências de leitura que podem impedir a aquisição de vocabulário e de conhecimentos prévios (CORREIA, 1999, p. 167).

É preciso cuidado ao diagnosticar dislexia para não confundir com problemas de adaptação da criança com as letras. Somente na persistência dos erros e, mesmo apresentado uma inteligência normal, apresentar dificuldades com a leitura e escrita é que pode ser apresentada como disléxica.

A Dislalia é a dificuldade na fala, a criança apresenta pronúncia inadequada das palavras, com trocas de fonemas e pronúncia equivocada de sons, tornando seu enunciado confuso e, por vezes, ininteligível. Manifesta-se mais em pessoas com problemas no palato, flacidez na língua ou lábio leporino e pode interferir no aprendizado da escrita tal como ocorre com a fala.

A afasia é um distúrbio que também está ligado à linguagem e tem como principais características a perda das capacidades e habilidades da comunicação tanto escrita, como falada. Ele está muito envolvido com a área da neurologia clínica, uma vez que pode originar-se de acontecimentos como acidentes vasculares cerebrais, infecções e outros, afetando, dessa forma, áreas específicas do cérebro responsáveis pela comunicação.

Para a Smith (2001) “o transtorno de déficit de atenção/hiperatividade (TDAH) origina-se uma deficiência na produção de neurotransmissores (substâncias produzidas no sistema nervoso central responsáveis pela regulação do mesmo)”. As crianças com esse transtorno são, freqüentemente, acusadas de “não prestar atenção”, mas na verdade elas prestam atenção a tudo. O que não possuem é a capacidade para planejar com antecedência, focalizar a atenção seletivamente e organizar respostas rápidas. Além disso, muitas crianças com TDAH são inquietas, impulsivas, desorganizadas, excessivamente tagarelas e pouco coordenadas.

A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NA IDENTIFICAÇÃO E SUPERAÇÃO DA DA

A partir do nascimento, a criança é inserida num contexto familiar que se torna responsável pelos cuidados físicos, pelo desenvolvimento psicológico, emocional, moral e cultural desta criança na sociedade. É por meio dela que a criança supre suas necessidades e inicia a construção dos seus esquemas perceptuais, motores, cognitivos, linguísticos e afetivos. Também é a partir da família que a criança estabelece ligações emocionais próximas, intensas e duradouras sendo cruciais para o estabelecimento de modelos para uma socialização adequada.

Segundo Valadão e Santos (1997), o fato de pertencer a um determinado núcleo familiar já propicia à criança noções de poder, autoridade, hierarquia, além de lhe permitir aprender habilidades diversas, tais como: falar, organizar seus pensamentos, distinguir o que pode e o que não pode fazer, seguindo as normas da sua família, adaptar-se às diferentes circunstâncias, flexibilizar, negociar. Também é imprescindível que no relacionamento entre pais e filhos os sentimentos de carinho e segurança possam ser transmitidos de modo que, conseqüentemente, levem a criança a explorar mais o ambiente, acarretando num maior aprendizado.

Independentemente de como a família é constituída, esta é uma instituição fundamental da sociedade, pois é nela que se espera que ocorra o processo de socialização primária, onde ocorrerá a formação de valores. Este sistema de valores só será confrontado no processo de socialização secundário, isto é, através da escolarização e profissionalização, principalmente na adolescência (VALADÃO; SANTOS, 1997, p. 22).

Diante disso, observamos que a aprendizagem não se caracteriza como algo de cunho somente individual, mas também como modelo desenvolvido em uma rede de vínculos. Assim, a família se revela não somente como fator indispensável na estabilidade emocional da criança como também na sua educação, portanto, o sucesso da tarefa da escola depende da colaboração familiar ativa.

A inserção no contexto escolar representa uma fase muito importante na vida da criança, pois implica um processo de mudança em que ela inicia a saída do aconchego do mundo familiar até então conhecido para estabelecer maiores relações na sociedade.

Conforme Valadão e Santos (1997), para muitas crianças como também para seus pais, esta fase pode revestir-se de um caráter assustador, gerando medo, ansiedade e insegurança, por isso, exige de ambos os lados um grande esforço para a adaptação. Para superar essa fase, é importante que os pais sintam a escola como um ambiente seguro e acolhedor, aberta à sua participação na vida escolar do seu filho.

Os pais de crianças com dificuldades de aprendizagem precisam aprender a como trabalhar de modo efetivo com os professores e os administradores escolares para o desenvolvimento de um programa educacional apropriado que garanta que as necessidades educacionais de seu filho sejam plenamente satisfeitas (SMITH e STRICK, 2001, p.53).

Os pais devem preocupar-se quando a criança tem dificuldades para aprender a ler, escrever, a realizar cálculos elementares ou manter a atenção suficiente para assimilar uma lição mediana, portanto, é importante que monitorem o desenvolvimento das habilidades básicas durante todo o Ensino Fundamental e solicitem o apoio escolar necessário que auxilie na superação dessas dificuldades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatamos que as Dificuldades de Aprendizagem podem advir de fatores diversos, isolados ou associados entre si e tem sempre forte impacto sobre a vida da criança e de sua família pelos prejuízos que acarretam todas as áreas do desenvolvimento pessoal, assim como de sua aceitação e participação social.

Neste contexto, os professores têm um papel preponderante e a sua ação será tanto mais eficaz quanto maior for o seu entendimento de que os alunos que lutam constantemente para aprender, não são necessariamente menos inteligentes ou menos capazes do que aqueles que atingem o sucesso sem dificuldades. É evidente que os educandos não aprendem todos da mesma forma e é de se esperar que ritmo e estilo de aprendizagem sejam diferentes. Perante tal cenário, é justo que o ensino também seja ministrado de forma diferente, procurando diminuir tantas dificuldades que se têm acentuado cada vez mais.

É importante alertar para a necessidade de se identificar níveis de competências linguísticas e desenvolvimentais diferentes, pois só assim estará capaz de trabalhar as dificuldades que, desde logo, começam a ser evidenciadas por alguns alunos e a família é fundamental na sua identificação por intermédio da participação e do interesse na vida escolar de seus filhos e na superação dessas dificuldades de aprendizagem, proporcionando às crianças um ambiente saudável, afetivo e encorajando-as a acreditar que são capazes de ultrapassar os obstáculos, fazendo com que se sintam mais fortes e confiantes para superar suas dificuldades.

Parece-nos que uma avaliação diagnóstica global, no início da escolaridade, emerge como um meio de prevenção não só das dificuldades, mas também de insucessos sucessivos que muitos dos

nossos alunos vão vivenciando no seu dia a dia. O objetivo do diagnóstico é descrever e explicar/compreender os seus fatores para que se tomem medidas com a finalidade de se proceder a uma adequada intervenção.

Portanto, se faz necessária a compreensão das dificuldades de aprendizagem tanto em nível escolar, bem como no nível familiar. Em ambos os contextos, a melhor compreensão das dificuldades apresentadas pela criança, auxiliam o processo de viabilização de soluções. No entanto, há de se perceber a interligação que deve existir entre escola e família, pois juntas poderão reconhecer e trabalhar as dificuldades de maneira a modificar o quadro que se apresente.

REFERÊNCIAS

CORINE, S.; STRICK, L. **Dificuldades de aprendizagem de A-Z: guia completo para educadores e pais**. Tradução: Magda França Lopes. São Paulo: Editora Penso, 2012.

CORREIA, L. M.; MARTINS, A. P. **Dificuldades de Aprendizagem: que são? como entendê-las?** Porto: Porto Editora, 2008.

FONSECA, V. **Dificuldades de Aprendizagem: abordagem psicopedagógica do insucesso escolar**. Lisboa: Âncora Editora, 2004.

REBELO, J.A.S. **Dificuldades da Leitura e da Escrita em Alunos do Ensino Básico**. Rio Tinto: Ideias, 1993.

VALADÃO, C.R.; e SANTOS, R.F.M. **Família e escola: visitando seus discursos**. (Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a UNESP-Franca), 1997.

ZORZI, J. L. **Consciência fonológica, fases de construção da escrita de sequência de apropriação da ortografia do português**. Em MARCHESAN, I. e ZORZI, J.L. (org.) Anuário CEFAC de Fonoaudiologia. Rio de Janeiro: Editora Revinter, 91 – 118, 2000.